

EDUCAR PARA RELAÇÕES NÃO VIOLENTAS: GRUPOS REFLEXIVOS COM HOMENS NO ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

EDUCATING FOR NON-VIOLENT RELATIONSHIPS: REFLECTIVE GROUPS WITH MEN TO COMBAT GENDER-BASED VIOLENCE

EDUCAR PARA LAS RELACIONES NO VIOLENTAS: GRUPOS DE REFLEXIÓN CON HOMBRES PARA HACER FRENTE A LA VIOLENCIA DE GÉNERO

Mareli Eliane Graupe¹, Wander Galvão Lopes Fernandes²

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6084

Recibido: 05/06/2026 | Aceptado: 30/06/2026 | Publicación en línea: 07/07/2026.

RESUMO

Este artigo reflete sobre a criação de grupos reflexivos para homens, na cidade de Lages/SC. É uma pesquisa com abordagem qualitativa e foram realizadas entrevistas focalizada com três facilitadoras/es. Os dados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo qualitativo (Mayring, 2007). Os resultados apontam que a realização de grupos reflexivos se potencializou como uma proposta de transformação social nas relações de gênero entre homens e mulheres, possibilitando a responsabilização das atitudes e ações dos homens autores de violências e, não apenas a punição, mas com o foco na educação não violenta das relações de gênero. Além disso, como desdobramento do projeto piloto, foi instituído no município de Lages, em 2023, o Programa Grupos Reflexivos para Homens Autores de Violência contra a Mulher, consolidando essa iniciativa como uma política pública de caráter continuado voltada à responsabilização dos autores de violência, à prevenção da reincidência e ao enfrentamento das violências de gênero contra as mulheres.

Palavras-chave: Homens Autores de Violências. Grupos Reflexivos de Gênero. Violências de Gênero Contra as Mulheres. Educação não Violenta.

ABSTRACT

This article reflects on the implementation of reflective groups for men in the municipality of Lages, Santa Catarina, Brazil. The study adopted a qualitative research approach, using focused interviews conducted with three group facilitators. The data were analyzed through Qualitative Content Analysis (Mayring, 2007). The findings indicate that reflective groups have emerged as an effective strategy for promoting social transformation in gender relations between men and women by fostering the accountability of men who have perpetrated violence against women.

¹ Doutora em Educação, Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, Santa Catarina, Brasil.
E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1376-7836>

² Mestre Interdisciplinar, Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, Santa Catarina, Brasil.
E-mail: wander@uniplaclages.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0488-3069>

Rather than focusing exclusively on punishment, these groups emphasize the promotion of nonviolent gender relations through educational processes that encourage critical reflection and behavioral change. Furthermore, as an outcome of the pilot project, the Reflective Groups for Men Who Have Perpetrated Violence Against Women Program was officially established in the municipality of Lages in 2023. This initiative has been consolidated as a permanent public policy aimed at holding perpetrators accountable, preventing recidivism, and strengthening actions to combat gender-based violence against women.

Keywords: Men who Perpetrate Violence Against Women. Gender Reflective Groups. Gender-Based Violence Against Women. Nonviolent Education.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la creación de grupos reflexivos para hombres en la ciudad de Lages (Estado de Santa Catarina). Se trata de una investigación con un enfoque cualitativo en la que se realizaron entrevistas focales a tres facilitadoras y facilitadores. Los datos se analizaron mediante el análisis de contenido cualitativo (Mayring, 2007). Los resultados indican que la puesta en marcha de los grupos reflexivos se ha consolidado como una propuesta de transformación social en las relaciones de género entre hombres y mujeres, permitiendo que los hombres autores de actos de violencia asuman la responsabilidad de sus actitudes y acciones, y no solo mediante el castigo, sino centrándose en la educación no violenta en las relaciones de género. Además, como consecuencia del proyecto piloto, en 2023 se instauró en el municipio de Lages el Programa de Grupos Reflexivos para Hombres Autores de Violencia contra la Mujer, consolidando esta iniciativa como una política pública de carácter continuado orientada a la asunción de responsabilidad por parte de los autores de la violencia, a la prevención de la reincidencia y a la lucha contra la violencia de género contra las mujeres.

Palabras clave: Hombres Autores de Violencia. Grupos Reflexivos de Género. Violencia de Género Contra las Mujeres. Educación no Violenta.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva refletir sobre a experiência da implementação do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens como um meio de atuação e enfrentamento à violência de gênero contra as mulheres em uma cidade serrana no sul do Brasil. Este artigo é um recorte do projeto internacional e interinstitucional intitulado “Estudos da judicialização da violência de gênero e difusão de práticas alternativas numa perspectiva comparada entre Brasil e Argentina”. A execução das atividades desta pesquisa baseou-se em três etapas sendo elas: 1) mapeamento de documentos normativos sobre o enfrentamento de violências de gênero contra as mulheres e

trabalhos científicos (artigos, dissertações e teses) nos bancos de dados Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT) e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*; levantamento e caracterização dos principais serviços públicos disponíveis à vítimas de violências de gênero e à perpetradores ou acusados de atos de violência; 2) descrição e registro das práticas e processos judiciais e ao acompanhamento e descrição do processo de criação, implementação e práticas alternativas de justiça; 3) análise de experiências de práticas alternativas de justiça.

Deste modo, a partir da abordagem qualitativa e como resultado da terceira etapa do projeto, especificaremos, Grupo de Reflexão e Apoio para Homens³ realizado em uma cidade serrana no sul do Brasil, que visa proporcionar um espaço de diálogo, escuta e reflexão com homens autores de violência de gênero contra as mulheres. Este Grupo de Reflexão e Apoio para Homens possui como foco o processo de desconstrução do papel de poder e dominação do homem, ou seja, ser um espaço de discussão e compreensão sobre os efeitos do sistema patriarcal na constituição de meninos e homens.

O projeto Grupo de Reflexão e Apoio para Homens foi elaborado pela assessora da 10ª Promotoria. Esta Promotoria atua nos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher, e, após alguns atendimentos com mulheres em situação de violências, foi constatado que estas mulheres solicitavam uma conversa entre a 10ª Promotoria e seus parceiros, que haviam cometido algum tipo de agressão. Desta forma surgiu a ideia de criar esse projeto no município.

O Grupo teve início com um projeto piloto no segundo semestre de 2019, sendo possível a execução por meio de parcerias de profissionais voluntários da área jurídica, assistência social e da psicologia. Muitos destes referidos profissionais possuem formação como facilitadoras/es na temática da Justiça Restaurativa⁴. Também, atuaram como facilitadoras/es voluntárias/os três homens do Sagrado Masculino⁵, que possuem experiências em realização de atividades em grupos com espaço de fala, escuta e troca de conhecimentos.

³ Usaremos no texto a expressão “Grupo de Reflexão e Apoio para Homens” para apresentar a experiência local. Para abordar teoricamente a discussão sobre o trabalho desenvolvido com homens autores de violências de gênero, usaremos o termo “Grupos reflexivos”.

⁴ O curso de Formação em Justiça Restaurativa ocorreu no período de junho a novembro de 2017, com o objetivo de capacitar facilitadores/multiplicadores em conhecimentos teóricos e práticos para trabalhar com Círculos de Construção de Paz. Contabilizando nesse período um total de 204 horas de qualificação. Para conhecer mais sobre essa capacitação, Matilde Quiroga Castellano, escreveu sua Dissertação que apresenta mais informações e pode ser acessado no link: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191707>

⁵ O Sagrado Masculino realiza encontros, rodas de conversa com homens com o objetivo de dialogar, refletir e discutir diversos temas, inclusive a masculinidade. Este trabalho ocorre no município desde o início de 2019, é uma ação voluntária e aberta ao público masculino.

A escolha dos dez homens autores de violências de gênero contra as mulheres⁶ ocorreu em parceria com a 2ª Vara Criminal da Comarca, que atua nos casos da Lei 11.340/2006, mais conhecida como (Maria da Penha), considerando que o juiz incluiu na medida protetiva, que estes deveriam participar do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens.

Maria Juracy F. Toneli, Adriano Beiras e Juliana Ried (2017) destacam que já é previsto na promulgação da lei Maria da Penha, o desenvolvimento de propostas de trabalho com homens autores de violências. No artigo 45 consta “nos casos de violência doméstica contra a mulher, o juiz poderá determinar o comparecimento obrigatório do agressor a programas de recuperação e reeducação” (Brasil, 2006). Ou seja, quando implementada essa legislação já apontava a necessidade de atividades no que se refere à questão apresentada.

Os/as organizadoras/es do projeto piloto utilizaram como metodologia para os encontros com os homens autores de violências de gênero as práticas circulares com foco no exercício do diálogo, na expressão de sentimentos e relatos de experiências. Os encontros foram conduzidos por uma equipe composta por quatro facilitadoras/es — duas mulheres e dois homens —, que desenvolveram, ao longo do processo, diferentes temáticas relacionadas às relações de gênero, às masculinidades e ao enfrentamento das violências contra as mulheres. Cada encontro teve duração de duas horas e trinta minutos, favorecendo o aprofundamento das discussões, a reflexão crítica e a participação ativa dos integrantes do grupo.

Este texto está organizado em três seções: a primeira seção é constituída pelos fundamentos teóricos sobre grupos reflexivos de gênero, masculinidades e comunicação não violenta⁷. Posteriormente, realizou-se a análise dos dados obtidos por meio de entrevistas focalizadas, conduzidas com três, dentre as quatro, pessoas facilitadoras atuantes no projeto. A terceira seção apresenta os resultados dessas entrevistas, os quais indicam que a primeira experiência do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens, foi desafiante e se potencializa como uma proposta de transformação social nas relações sociais entre homens e mulheres.

⁶ Usaremos o conceito de violências de gênero contra as mulheres para se referir as violências de gênero que ocorrem nas relações sociais entre homens e mulheres de forma relacional, pois homens e mulheres nem sempre cumprem literalmente com as prescrições de seus papéis tradicionais de gênero (homem dominador x mulher vítima e submissa).

⁷ O grupo reflexivo utilizou os princípios da comunicação não violenta (CNV) como uma ferramenta metodológica na realização dos dez encontros. Portanto, apresentaremos brevemente algumas ideias sobre a CNV.

Masculinidade

A temática das políticas de masculinidade nos grupos reflexivos contribui para a compreensão das violências de gênero contra as mulheres, especialmente o conceito de masculinidade hegemônica. Ao pensar grupos reflexivos para homens autores de violência é indispensável o debate desta temática visto que uma das propostas desse tipo de intervenção é debater e refletir sobre novos olhares nas relações de gênero.

A masculinidade perpassa por todo um contexto histórico-social baseado na construção do que é ser homem e como se comportar enquanto homem, formado na sociedade como uma figura autoritária, de poder, de comando, caso contrário a essa caracterização fere o ser masculino.

Para compreendermos um pouco mais dessa construção de uma masculinidade que desencadeia modos padronizados de viver e tornar-se homem, partilharemos alguns conceitos como propostas de análises e, que precisam ser pensadas na prática de grupos reflexivos para homens. Mas o que é masculinidade?

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2014, p. 107) pondera fatos que explicam e constituem a masculinidade partindo da infância “os meninos são objetos afetivos e racionais, de práticas e discursos, de saberes e relação de hierarquia, mando e comando [...]”, já estão condicionados desde cedo aos ensinamentos sobre como é ser menino e o que é ser homem. Essas definições estão atreladas as peculiaridades que se desencadeiam em modelos de masculinidades. De acordo com Flávio Urra (2014, p. 126): “Em nossa cultura são enfatizados nos homens características como: honra, coragem, força, heroísmo, virilidade, ousadia, audácia, dentre outras. Por outro lado, são negadas características como: medo, fragilidade, vergonha, sensibilidade, impotência e cautela”.

Partindo dessa premissa de que desde a infância meninos já estão direcionados a condições sociais a partir da validação de jeitos e atitudes destinados ‘ao ser homem’, é preciso apreender que a masculinidade não se constitui na vida adulta do homem, é uma produção de delimitações de como se comportar, agir, vestir-se, entre outras, que já são inseridos desde a primeira infância na educação de menino.

Em sua socialização entre pares, os meninos apreendem a legitimar certos comportamentos, por exemplo, correr riscos para provar coragem e ousadia, violência para provar força, assédio ou abuso sexual para provar virilidade, em detrimento de outros comportamentos não aceito socialmente como masculinos e identificados como sendo de mulheres (Urra, 2014, p. 126).

Desmantelar o modelo de masculinidade hegemônica é um caminho a ser percorrido visando a desconstrução de fatores que estão ligados a isso, como o machismo e o patriarcado.

[...] os homens precisam se desobrigar: da reprodução do sistema patriarcal/machista, marcado pela imposição da força física, psicológica e econômica; da adesão ideológica a pressupostos essencialistas e naturalizantes que reforçam e reproduzem a lógica da desigualdade; da subordinação como condição nas relações sociais e afetivas (Andrade, 2014, p. 178).

É perceptível na sociedade a idealização de funções destinadas a homens e mulheres, o que faz identificarmos, por exemplo, algumas situações como: trabalhos domésticos, dona de casa “coisa de mulher”, enquanto o homem é aquele que trabalha fora, “isento” de atividades domésticas porque não é função do gênero masculino. Esse é um dos exemplos que podemos encontrar, cotidianamente. As famílias ensinam que o homem não tem obrigação com afazeres domésticos, e porquê? Porque está atrelado à mulher essa tarefa e, encontramos frequentemente esses discursos sobre o que é considerado como uma atividade do gênero masculino ou feminino. A masculinidade hegemônica interfere na construção de discursos sobre o que é considerado como apropriado para cada gênero, caracterizando a inferioridade do feminino e das masculinidades subordinadas (homens gay, negros, trans, etc).

Os modelos de masculinidade não se referem apenas as experiências subjetivas dos sujeitos do gênero masculino. Segundo Marcos Nascimento a masculinidade

É uma experiência complexa que se constrói coletivamente, permeada por códigos, práticas, discursos e ideologias que são (re)produzidos incessantemente pelos ditames culturais e que afetam de maneira distinta homens, mulheres e instituições sociais como a família, a escola, os sistemas de governo (2014, p. 215).

Nesta perspectiva, Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013) apontam que os discursos sobre as masculinidades são construídos socialmente por meio das práticas de gênero. E esses discursos sobre as masculinidades são criados por intermédio de um processo histórico com dimensões globais. Além, da discussão sobre masculinidade hegemônica, o Grupo de Reflexão e Apoio para Homens trabalhou sobre a temática da comunicação não violenta, que será abordada na sequência.

Comunicação não Violenta (CNV) e Educação não Violenta

Para a realização Grupo de Reflexão e Apoio para Homens, as/os organizadoras/es optaram pela utilização do conceito de comunicação não violenta (CNV) como um processo necessário e essencial nessa relação de diálogo e reflexão. A maioria das/os facilitadores/as que atuaram neste grupo, tem experiência com a prática da Justiça Restaurativa (JR), onde é utilizado como metodologia as práticas circulares e a ferramenta da comunicação não violenta. E para a realização do grupo com homens autores de violência, a equipe de planejamento destacou a pertinência e importância do uso da CNV, que pondera nas relações com o outro a comunicação pautada no respeito e empatia, já que é um espaço, cuja a prática objetiva possibilitar debates e reflexões sobre outras formas de se relacionar, excluindo a comunicação violenta.

Marshall B. Rosenberg (2006) utiliza a sigla (CNV) para se referir a escrita comunicação não violenta. Segundo Rosenberg (2006) a comunicação não violenta é uma proposta que precisa ser posta em exercício justamente pela demanda de violência existente em nossa sociedade. As agressões verbais estão dentro desse contexto, as pessoas se relacionam com uma comunicação que gera conflitos, e essa é entendida como uma comunicação violenta. E como construir um diálogo pautado na compreensão, no respeito e na empatia? O autor descreve em sua análise dois pontos importantes: saber falar e, também saber ouvir. Geralmente, está presente nas relações de conflito com o outro, discursos de ódio, xingamentos e julgamentos. De modo geral, as pessoas não param para ouvir e compreender o outro.

À medida que a CNV substitui nossos velhos padrões de defesa, recuo ou ataque diante de julgamentos e críticas, vamos percebendo a nós e aos outros, assim como nossas intenções e relacionamentos, por um enfoque novo. A resistência, a postura defensiva e as reações violentas são minimizadas. Quando nos concentramos em tornar mais claro o que o outro está observando, sentindo e necessitando em vez de diagnosticar e julgar, descobrimos a profundidade de nossa própria compaixão. Pela ênfase de escutar profundamente – a nós e aos outros –, a CNV promove o respeito, a atenção e a empatia e gera o mútuo desejo de nos entregarmos de coração (Rosenberg, 2006, p. 22).

Ao inserir a fundamentação da CNV no Grupo de Reflexão e Apoio para Homens, a equipe se propõe a exercer o que essa conceituação apresenta, estar num espaço que se utiliza da fala, mas deve ser trabalhado a escuta. E assim ser entendida/compreendida e também entender/compreender. A CNV intenciona que nas interações, como em grupos, ela seja abordada e praticada e, posteriormente que haja uma efetivação nas outras relações cotidianas, na família, nas instituições, relacionamentos íntimos, entre outros.

Além da comunicação não violenta é importante discutir sobre a educação não violenta nas relações de gênero, que é uma abordagem educativa comprometida com a promoção dos direitos humanos, da igualdade de gênero e com a cultura da paz. Fundamenta-se na compreensão de que as violências de gênero são construções históricas e sociais sustentadas pela cultura do patriarcado, do machismo, da reprodução de estereótipos e relações desiguais de poder, podendo, portanto, ser prevenidas e transformadas por meio de processos educativos.

Portanto, a educação não violenta nas relações de gênero objetiva desenvolver o respeito às diferenças, o diálogo, a corresponsabilidade nas relações afetivas e familiares e na desconstrução de padrões de masculinidade e feminilidade que legitimam a dominação, o controle e a violência. Mais do que discutir informações, a educação não violenta favorece a reflexão crítica sobre crenças, valores e comportamentos, contribuindo para a construção de relações interpessoais baseadas na equidade, no reconhecimento da dignidade humana e na promoção de uma convivência democrática e livre de violências.

Na sequência, será apresentada a primeira experiência do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens, bem como os desafios desse projeto piloto como um processo de construção e aprimoramento para os próximos grupos reflexivos.

METODOLOGIA

Este estudo possui uma abordagem qualitativa. Para a realização da pesquisa empírica foi utilizado o método de entrevista focalizada, por apresentar a possibilidade de um diálogo que facilita a interação entre duas ou mais pessoas, em uma troca de informações e dá sentido à realidade que abrange os sujeitos (Flick, 2009).

O tipo de entrevista escolhido neste estudo possibilitará uma conversa com três dos quatro profissionais que atuaram no Grupo de Reflexão e Apoio para Homens e assim poderemos conhecer os discursos referentes à realização das atividades com os nove homens autores de violências de gênero contra as mulheres. Quanto à entrevista focalizada, Flick relaciona que “[...] um dos mais influentes no desenvolvimento deste método foi Robert Merton e Patricia Kendall em 1946 e em 1984, em campos da pesquisa de comunicação” (2009, p. 143). O mesmo autor relaciona quatro critérios para serem utilizados quanto ao planejamento do guia de entrevista:

A primeira diz respeito às questões não-estruturadas, exemplo (O que foi que mais impressionou você no filme?). Na segunda forma - questões semiestruturadas - ou

define-se o assunto concreto, deixando-se a resposta em aberto, ou opta-se pela definição da redação, deixando-se o assunto em aberto. Na terceira forma de questionamento - questões estruturadas ambas as formas são definidas [...] a quarta, a profundidade e o contexto pessoal demonstrados pelos entrevistados que significam que os entrevistadores devem assegurar-se de obter um máximo de comentários autoreveladores no que se refere à forma como o material de estímulo foi experienciado (Flick, 2009, p. 144).

São quatro os critérios que podem ser adotados para a realização da entrevista, sendo que cada um traz suas especificidades e elementos que determinam o maior interesse ou significado para o entrevistador. Nosso estudo utilizou o critério semiestruturado por apresentar uma especificidade que se aproximaria mais com a nossa proposta de trabalho e os sujeitos da pesquisa. Escolhemos a entrevista focalizada porque ela busca, através de estímulo, informações a respeito de uma situação, de determinado assunto, utilizando para isso um roteiro de questionário. As entrevistas focalizadas foram transcritas e analisadas de acordo com o método de análise de conteúdo qualitativo de Mayring (2007).

O método de análise de conteúdo apresenta procedimentos particulares por meio de organização e interpretação dos dados, que serão agrupados em categorias pontuais que propõem o entendimento do objeto pesquisado sobre o referencial teórico. Conforme Mayring, há quatro pontos que referenciam as ideias básicas da análise do conteúdo:

Montagem do material em um modelo de comunicação: Deve ser determinada de que parte das inferências de comunicação deve ser feita, a aspectos do comunicador, para a situação da produção de texto, para o fundo sócio-cultural, ao texto propriamente dito ou para o efeito da mensagem. Regras de análise: O material deve ser analisado passo a passo, seguindo regras de procedimentos, a elaboração do material em unidades de análise de conteúdo. Categorias no centro de análise: Os aspectos de interpretação de texto, seguindo as perguntas da pesquisa, se colocam em categorias, que foram cuidadosamente fundamentadas e revisadas dentro do processo de análise. Critérios de confiabilidade e validade: O procedimento tem a pretensão de ser intersubjetivamente compreensível para comparar os resultados com ele ou outros estudos no sentido de triangulação e para efetuar os controles de confiabilidade (Mayring, 2007, p. 4).

A partir das vantagens situadas pelo método de Mayring, verificamos que uma delas se refere às categorias no sentido de que se destacam a partir da análise do material desenvolvido na pesquisa de campo, sendo que as análises dos materiais devem ser refeitas várias vezes com objetivo de não deixar nada para trás. Os dados foram agrupados em três categorias de análise: implementação do grupo reflexivo; planejamento e metodologia do grupo reflexivo e avaliação das atividades realizadas no grupo reflexivo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A realização do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens foi uma estratégia de enfrentamento das violências de gênero contra as mulheres. Com base nas reflexões teóricas proposta nesse trabalho, apresentaremos uma análise dessa experiência a partir de entrevistas focalizadas, que foram realizadas com três dos quatro facilitadoras/es do grupo.

A proposta inicial da pesquisa consistia em acompanhar a realização dos dez encontros destinados aos homens autores de violência de gênero, previstos para o segundo semestre de 2019, por meio da técnica de observação participante. No entanto, não foi possível pelo fato que a equipe de facilitadoras/es avaliou que a presença de um/a pesquisador/a poderia interferir no vínculo das/os facilitadoras/es com o grupo de dez homens, visto que a prática dos círculos requer que todas/os as pessoas presentes participem.

Mantendo os critérios éticos de privacidade das/os entrevistadas/os utilizaremos nomes fictícios. Deste modo, as pessoas participantes da pesquisa serão identificadas/os pelas/os seguintes nomes: *Amanda, Bernardo e Carla*.

Amanda possui graduação em Direito, atua como assistente da 10ª Promotoria em uma cidade serrana no sul do Brasil. Possui formação em Justiça Restaurativa, participou como facilitadora do projeto piloto referente à violência doméstica contra a mulher realizado pelo Núcleo de Justiça Restaurativa (NJR) no mesmo município, e elaborou o projeto piloto do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens.

Bernardo é graduado em Psicologia, trabalha como coordenador da Vigilância Socioassistencial da Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação. É mestre e a sua dissertação abarcou o tema da Justiça Restaurativa.

Carla é formada em Serviço Social, atua como assistente social e exerce a função de diretora na Secretaria de Política para Mulher. Realizou o curso da Justiça Restaurativa e participou como facilitadora do projeto piloto realizado pelo NJR referente a violência doméstica contra mulher.

Implementação do Grupo Reflexivo

A necessidade de ter um espaço de fala e escuta para homens autores de violência proporcionando reflexões, debates e informações, foi pensando a partir da reivindicação de

algumas mulheres em situação de violências nos atendimentos efetuados pela 10ª Promotoria, que atua nos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher. No ano de 2016, a entrevistada *Amanda*, começou a trabalhar na 10ª Promotoria, e logo no início já observou o desejo das mulheres para que houvesse uma conversa com homens. “*Elas solicitavam a medida protetiva e falavam muitas vezes, de usá-la como um susto e pediam que os agressores tivessem um atendimento*”. Conforme a entrevistada *Amanda* (2020), as falas eram relacionadas às seguintes questões:

Não tem como chamar ele aqui para conversar, ele é uma boa pessoa só que às vezes, acontece isso, é por causa do álcool”. Enfim, davam essas desculpas e pediam para que eles fossem atendidos de alguma forma, de que conversasse com eles. Aí falavam também que não queriam que ele (o parceiro) fosse preso, que tinha os filhos. Então logo no início a gente percebeu que era necessário um atendimento diferente do que somente o processo criminal para os homens.

São discursos presentes no contexto das violências contra as mulheres. A preocupação com as/os filhas/os e o uso do álcool como justificativa pelo fato do homem ser violento. É fundamental analisar criticamente esses discursos, problematizando-os e refletindo sobre os mecanismos que produzem e sustentam as violências contra as mulheres, com o objetivo de promover a desconstrução dessas concepções. Trata-se de um fenômeno social e historicamente construído, no qual as relações de gênero atribuem às mulheres a responsabilidade pela manutenção da “estrutura” familiar, frequentemente exigindo sua submissão a contextos de violência. Essa lógica está enraizada na cultura do patriarcado, que naturaliza desigualdades e contribui para a reprodução sistemática das violências de gênero contra as mulheres.

Nesta perspectiva é importante atuar com ações alternativas à judicialização das violências de gênero. O Grupo de Reflexão e Apoio para Homens nasceu no município com o intuito de atender essa demanda num processo de “reeducação”, por meio de reflexões sobre violências de gênero, patriarcado e masculinidades e, na premissa de acreditar nessas ações como transformadoras das relações de gênero. Esta perspectiva se observa nas entrevistas com as/os facilitadoras/es sendo uma particularidade fundamental para estar inserido nesse trabalho.

O entrevistado *Bernardo* (2020), destaca:

Eu decidi participar por ser uma proposta que eu acredito, por que não vamos resolver o problema da violência somente com judicialização ou punição, embora nossa sociedade ainda precise destes processos na justiça, eu acredito que a violência necessite de uma mudança de cultura, de perspectiva, de olhar sobre as relações. O trabalho com autores de violência vem de encontro com a ideia de que esses homens

não podem ser restritos da violência que praticaram, mas que são homens com histórias, com crenças, e independente do que a justiça determine esses homens se relacionarão novamente com outras mulheres.

Bernardo enfatiza acima sobre a necessidade de um outro olhar sobre as relações, e, por isso, o Grupo de Reflexão e Apoio para Homens, surge no município, como uma possibilidade, cuja sua prática se desenvolve no que a autora Blay (2014, p.16) descreve: “se a condição de gênero tem base nas tradições históricas, os valores e comportamentos são construídos e, portanto, podem ser modificados”.

Tratar sobre as violências contra as mulheres requer analisar essas construções. Temos a judicialização com a Lei nº 11.340/2006 (Maria da Penha) que cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher (Brasil, 2006). Os índices de violência contra as mulheres continuam apresentando crescimento em diferentes regiões do país, evidenciando a persistência de desigualdades estruturais de gênero e a insuficiência das medidas de prevenção e proteção. Dados recentes apontam aumento nos registros de feminicídio, violência doméstica, ameaças e agressões físicas e psicológicas. (Atlas da Violência, 2025).

Nesta perspectiva a entrevistada *Amanda* (2020), destaca que “a política criminal na violência doméstica, que esse rigor maior da lei é necessário, mas não é o suficiente”. Pensar o processo educativo de uma cultura quando esta é enraizada num sistema de dominação e poder do homem sob a mulher, é essencial e urgente. E é nesse aspecto que o entrevistado *Bernardo* propõe a análise e importância do Grupo de Reflexão para Homens, com o propósito de dialogar sobre as violências e, que os homens não sejam restritos a elas. Um espaço de fala, de escuta e troca de conhecimento, e, que são homens com histórias precisando entender outras formas, outro olhar sobre as relações de gênero.

Planejamento e Metodologia do Grupo Reflexivo

No que se refere ao planejamento dos encontros e da metodologia a ser utilizada as/os facilitadoras/es abordaram que foi a preocupação da equipe referente ao que proporcionariam nesse espaço, e segundo *Amanda* (2020) “a gente se preocupava muito que o espaço, que a gente fosse fornecer não fosse um espaço de reafirmação da violência”.

As atividades do Grupo, foram distribuídas em dez encontros durante o segundo semestre de 2019, contemplando os seguintes temas, confirme a entrevistada *Carla*, informa: “masculinidade, sexualidade, comunicação não violenta e os tipos de violência. Pois, no decorrer

dos encontros percebemos que, por exemplo, a violência psicológica não era vista como uma violência para eles” (Carla, 2020).

Foi estipulada a participação de dez homens. Em relação a isso a entrevistada *Amanda*, aponta que umas das questões discutidas nas reuniões de preparação para a execução do projeto piloto é que pensassem entre os parceiros (equipe) desse trabalho “*acerca dos critérios de seleção dos participantes para ver o quanto estávamos preparados enquanto facilitadores, para receber este grupo de homens*”. Conforme a narrativa da entrevistada *Amanda* (2020), a seleção desses homens ocorreu da seguinte maneira:

A gente achou melhor fazer em uma decisão de medida protetiva. Alguns tinham o processo já em andamento com medida protetiva, um deles tinha sido já condenado e aí essa obrigação ficou constando na sentença. Optamos por isso para ser mais rápido. A nossa realidade aqui infelizmente é que os processos demoram muito para chegar depois que o fato aconteceu. Exemplo, a violência aconteceu e o processo daquela violência às vezes vai iniciar dois anos depois, e a medida protetiva não, a violência acontece à vítima já solicita e é mais rápido. Foi uma decisão do juiz da 2ª Vara Criminal da Comarca, onde os homens foram intimados pelo oficial de justiça a comparecer com data determinada no local que seria realizado o grupo.

Nas reuniões de planejamento, o tempo do encontro ficou acordado pelas/os organizadoras/es que seriam por duas horas e meia, no período noturno e uma vez por semana. Posteriormente, quando começaram os encontros, as/os facilitadoras/es optaram por conversar com os participantes sobre o período, se era viável para eles também, a fim de que todos conseguissem participar efetivamente de todos os encontros. Um cuidado que as/os organizadoras/es tiveram para que esse projeto piloto acontecesse com o comprometimento de todos os homens.

Os encontros foram realizados com a prática de círculos, seguindo a metodologia da justiça restaurativa, visto que as pessoas engajadas na efetivação desse projeto têm vínculo com o a prática de justiça restaurativa e optaram pela utilização desse método com quatro facilitadoras/es, duas mulheres e dois homens. O círculo parte de uma ideia de respeito entre as pessoas participantes e liberdade para se expressar. “O formato espacial do círculo simboliza liderança partilhada, igualdade, conexão e inclusão. Também promove foco, responsabilidade e participação de todos” (Pranis, 2010, p. 25). A opção por essa metodologia para a realização do grupo reflexivo ocorreu em função de que esta se desenvolve a partir de componentes de organização como: a utilização do bastão de fala - que dá vez e voz, conforme passa esse objeto de participante para participante, possibilitando a fala e a escuta ativa, dar atenção a fala do outro

e, também entender e respeitar quando o participante não quiser falar.

De acordo com a entrevistada *Carla (2020)*, os encontros do Grupo de Reflexão e Apoio para Homens exigiam atenção das/os facilitadoras/es, eram intensos, pois os encontros começavam às 18h30min com uma acolhida e lanche “*e as sete nós iniciávamos, sempre em círculo e com uma meditação primeiro, para chegar e acalmar, concentrar, e depois já entrava nas atividades, e sempre todos falavam, participaram e foi muito show.*”

Nesta perspectiva de compreender como os encontros eram realizadas, *Carla* explicou que os círculos seguiam um roteiro de organização.

Cada encontro tinha seu roteiro, tinha o facilitador que conduzia, e tinham os outros três de apoio, nós planejamos tudo juntos, e inclusive também com o apoio de outras pessoas, a gente entendeu que seria importante dois facilitadores homens e duas mulheres, para fazermos contrapontos. Então sim, todo o encontro tinha uma proposta, e posteriormente nós nos reuníamos para planejar e avaliar o grupo. (Carla, 2020).

Realizar grupos reflexivos implica em recursos humanos e financeiros, contando com pessoas para planejar e executar, organizar um espaço físico adequado, o uso de matérias como papel, caneta e, demais necessidades que a equipe de organização achar pertinente para o desenvolvimento das atividades como, por exemplo, a preparação de um lanche coletivo no início de cada encontro, para criar um clima de confraternização e descontração.

Deste modo, é pertinente discutir, colocar em pauta sobre quem são essas pessoas, parcerias, instituições que estão à frente dessa prática. De acordo com *Beiras, Nascimento e Incrocci (2019)*, como já destacado neste texto, de modo geral, esses trabalhos que são executados pela organização da sociedade civil possuem algum tipo de apoio para a execução dos grupos. De acordo com as informações da facilitadora *Amanda (2020)*:

A gente teve muita ajuda, muita ajuda mesmo do Juiz da 2ª Vara Criminal da Comarca, da Secretária da Secretaria de Política para a Mulher, essas coisas de execução, como material, enfim. Do Ministério Público a gente também teve apoio para o café com material de expediente que foi utilizado.

Esses apoios, conforme constatamos nas entrevistas com as/os três facilitadoras/es, foram essenciais para que ocorresse a efetivação do projeto piloto. Ainda no que se refere aos desafios enfrentados na implementação, o as/os facilitadoras/es entrevistadas/os apontaram alguns desafios. O entrevistado *Bernardo* relatou o fato desta ser a primeira experiência e como isso foi desafiador para ele: “*O primeiro desafio, era que nós não tínhamos uma experiência com isso.*”

Aí o primeiro encontro já deu uma sustentação inicial, porque para nosso espanto, aqueles homens já trouxeram muitas coisas com as quais podíamos trabalhar”.

A disponibilidade de tempo também foi um desafio para as/os organizadoras/es, pois tinham outras atividades diárias e precisavam se reunir após o expediente de trabalho e duas vezes na semana: um dia para planejar o encontro e outro para a realização do grupo. A entrevistada *Amanda*, comentou que, muitas vezes avaliava a realização do grupo como cansativo porque *“era uma iniciativa bem nossa, desde o lanche que preparávamos para eles, até o local que utilizávamos para os encontros. Tudo foi organizado pela equipe”.*

A relação com as parcerias, o trabalho voluntário das/os quatro facilitadoras/es, recursos financeiros para os lanches foram desafios presentes neste primeiro contato com a prática de grupo reflexivo para homens autores de violência e, que segundo as narrativas das/os participantes da pesquisa, a equipe conseguiu se auto-organizar e dar conta destas demandas.

AValiação das atividades realizadas no grupo reflexivo

Em relação à avaliação das atividades do grupo reflexivo, as/os entrevistadas/os relataram que essa foi realizada no final de cada encontro e após a conclusão dos dez encontros. No início e no final de cada encontro era realizado a técnica de *check-in* e *check-out*. No início de cada encontro, os homens compartilhavam como estavam se sentindo, como haviam passado o dia e em que condições chegavam ao grupo. Ao final, no momento destinado ao *check-out*, expressavam suas percepções acerca das discussões realizadas, bem como os sentimentos e reflexões suscitados ao longo da atividade. Este momento do *check-out* contribuía para o planejamento das atividades do próximo encontro.

Na proposta metodológica do grupo, a equipe optou por fazer uma avaliação final com os homens autores de violência e, aplicaram um questionário para identificar como havia sido a adesão dos participantes. Um dos objetivos era verificar se a participação e a permanência nos encontros, foi pela obrigatoriedade ou os homens sentiram vontade em continuar. Segundo a entrevistada *Amanda*:

A gente fez um questionário de avaliação e uma das perguntas era se vieram porque estavam obrigados ou se porque queriam participar e apenas um colocou que estava obrigado, os demais porque desejavam. Mas foi essa a forma que a gente optou porque não sabíamos, e a experiência que tínhamos de JR, a gente percebeu que os homens não tinham participado pela voluntariedade apesar do convite, então achamos melhor fazer por meio dessa forma, de intimação, obrigação, a princípio. Não experimentamos

nenhuma resistência por parte deles.

Sobre a avaliação enquanto facilitadora do grupo, a entrevistada *Amanda*, descreveu sua percepção e ponderou algumas questões.

É difícil de ter os critérios se a gente conseguiu mesmo mudar um pouco, nem sempre a gente vai conseguir evitar que as coisas se repitam que esse também é um dos objetivos do projeto, mas considerando as adesões, os relatos do primeiro encontro ao último principalmente, eu acho que foi positivo porque conseguimos oferecer um espaço, conseguimos transpassar nossas ideias de alguma forma, trabalhar algumas questões, trazer outras realidades e perspectivas para eles de gênero, de masculinidade. Nós vamos continuar acompanhando para ver se há reincidência, se esse discurso deles no final do encontro era o realmente o que eles internalizaram, mas a participação a gente percebeu que houve essa mudança na fala e a ideia é que novos grupos sejam formados esse ano.

O entrevistado *Bernardo* faz a seguinte consideração:

Eu percebo que os principais resultados foram, primeiro proporcionar um local seguro de fala, e isso já é importante, por que oportunizamos um local onde eles de fato já pudessem falar, e isso ocorreu, aqui não é um espaço da justiça, é um espaço de escuta, de sensibilidade, então não tem punição, e a através disso esses homens foram compartilhando histórias e experiências, e a partir disso eles foram transformando seus olhares, porque os seus discursos mudaram, e eles mesmo deram esses feedbacks, sobre pensar em coisas que antes eles não pensavam, sobre as violências praticadas, e eu não tenho dúvida nenhuma de que esses homens conseguiram dar novos sentidos a essas violências, e também entender o que este de trás dessa violência, inclusive esses homens também são vítimas desse machismo, e isso também proporcionou a eles, compreender que esse comportamento violento ocorre até mesmo inconscientemente como se fossemos arrastados para ele né, e entender isso foi muito legal.

As narrativas das/dos entrevistadas/os indicam que a execução desta primeira experiência foi bem-sucedida e, acreditam que o grupo reflexivo para homens autores de violência é um meio de intervenção com potencial de transformação social nas relações de gênero. As/os facilitadoras/es enfatizaram a intenção de continuar com a realização de grupos reflexivos para homens, e também de implementar ações de acompanhamento dos que já participaram, com o propósito de identificar a reincidência ou não destes homens participantes no curso, nos casos de violência de gênero contra as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a experiência do primeiro “Grupo Reflexivo e Apoio para Homens”, as/os facilitadoras/es apresentam uma avaliação crítica sobre as dificuldades e potencialidades da

realização desta experiência. Apontam alguns aspectos relevantes como por exemplo: necessidade de formação específica sobre o desenvolvimento de grupos reflexivos de gênero; compreender a diferença entre justiça restaurativa e grupos reflexivos de gênero.

É fundamental refletir sobre a contribuição dos grupos reflexivos de gênero como estratégia interventiva no enfrentamento e na redução das violências contra as mulheres. Tais espaços demandam não apenas fundamentação teórico-metodológica consistente, mas também o comprometimento ético e político das/os profissionais que neles atuam, exigindo tempo, estudo e dedicação orientados à promoção de transformações sociais efetivas. Ademais, o compromisso com a produção e a apropriação crítica do conhecimento é condição indispensável para que o trabalho desenvolvido com homens autores de violência não se reduza a posturas moralizantes ou meramente punitivas, tampouco se distancie da necessária responsabilização por suas atitudes e ações.

Em síntese, os grupos reflexivos de gênero configuram-se como espaços qualificados de escuta, diálogo e de reflexão, que estimule os autores de violências de gênero a reconhecer suas atitudes e ações violentas. Ao promover processos de autorresponsabilização, esses grupos podem contribuir para a ressignificação de valores e padrões de masculinidade, impulsionando mudanças concretas de comportamentos e ações. Nessa perspectiva, constituem-se como uma estratégia relevante para a prevenção da reincidência e para a promoção da equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Leandro Feitosa. **Grupos de homens e homens em grupos: novas dimensões e condições para as masculinidades**. In: Blay, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 174-209.

BEIRAS, Adriano; Cantera, Leonor M. **Feminismo pós-estruturalista e masculinidades: contribuições para a intervenção com homens autores de violência contra mulheres**. In: Blay, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 29-44.

BEIRAS, Adriano; Bronz, Alan. **Metodologia de grupos reflexivos de gênero**. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2016. 162 p.

BEIRAS, Adriano; Nascimento, Marcos; Incrocci, Caio. **Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil**. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 262-274, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BkkGwctw6WzsBbJbxSbPsNq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2026.

BLAY, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 5 fev. 2026.

CASTELLANO, Matilde Quiroga. **Moralidades em torno ao conceito de Justiça em Casos de Violência Contra a Mulher em Lages-SC**. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CONNELL, Robert W.; Messerschmidt, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). **Atlas da Violência 2025**. Brasília: Ipea; FBSP, 2025.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Nostalgia da infância, saudades do feminino: em que momentos da vida de um homem o feminismo pode atuar para a construção de outras masculinidades possíveis**. In: Blay, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 106-116.

MAYRING, Philipp. **Qualitative Inhaltsanalyse: Grundlagen und Techniken**. 9. Aufl. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 2007.

NASCIMENTO, Marcos. **Masculinidade, Juventude e violência contra a mulher: articulando saberes, práticas e políticas**. In: Blay, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 212-224.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais**. São Paulo: Ágora, 2006.

TONELI, Maria Juracy F.; Beiras, Adriano; Ried, Juliana. **Homens autores de violência contra mulheres: políticas públicas, desafios e intervenções possíveis na América Latina e Portugal**. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 51, n. 1, p. 174-193, 2017.

URRA, Flávio. **Masculinidades: a construção social da masculinidade e o exercício da violência**. In: Blay, Eva Alterman (Org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 118-137.